O QUE É O PECADO?

Coleção **Teologia hoje**

- *Ajudai a minha descrença*, William J. O´Malley
- *Desafios atuais para a teologia*, Urbano Zilles
- *Esperança em tempos de desespero*, Albert Nolan
- *Eucaristia (A): Jesus como alimento vivo para nós*, Luiz Antonio Miranda
- *Fontes da Amoris Laetitia (As)*, João Décio Passos
- *Igreja: comunhão viva*, Paul Lakeland
- *Introdução à cristologia latino-americana: cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina*, Alexandre Andrade Martins
- *Introdução à Trindade: para estudantes universitários*, Lynne Faber Lorenzen
- *O que é pecado? Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais*, Isidoro Mazzarolo
- *Origens do cristianismo*, Eduardo Hoornaert
- *Reencarnação ou ressurreição: uma decisão de fé*, Renold Johann Blank
- *Teologia do prazer*, Ana Márcia Guilhermina de Jesus; José Lisboa Moreira de Oliveira

Isidoro Mazzarolo

O QUE É O PECADO?

PECADO ORIGINAL, INDIVIDUAL, SOCIAL, MORTAL, CONTRA O ESPÍRITO SANTO, PECADOS CAPITAIS

PAULUS

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Capa: Elisa Zuigeber

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mazzarolo, Isidoro
O que é o pecado? Pecado original, individual, social, mortal, contra o Espírito Santo, pecados capitais / Isidoro Mazzarolo. -- São Paulo: Paulus, 2019. Coleção Teologia hoje.

ISBN 978-85-349-4902-6

1. Pecados 2. Pecados capitais I. Título II. Série

CDD 241.31
19-0011 CDU 241.4

Índice para catálogo sistemático:
1. Pecados

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:
paulus.com.br/cadastro
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2019

© PAULUS - 2019

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 - São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4902-6

O pecado não depende da religião,
mas da ruptura da justiça e da ética.

Abreviaturas

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
LXX	*Septuaginta* (Bíblia na tradução grega)
fq	física quântica
ST	*Suma Teológica* (de Tomás de Aquino)
q	Questão
Sir	Sirácida (nome equivalente ao Eclesiástico)
Co	Coélet (nome equivalente ao Eclesiastes)

Introdução

A motivação para esta pesquisa partiu de um pedido para escrever um comentário para o teatro sobre os pecados capitais, mas a exigência era de que os textos consultados fossem de domínio público. Então nos debruçamos privilegiadamente sobre textos bíblicos e alguns comentários antigos. No desenvolvimento da pesquisa, percebemos que era interessante fazer algumas referências aos pecados modernos. Também nos ativemos mais aos conceitos da ética bíblica e menos aos manuais de moral recentes.

O estudo sobre o *pecado* e *pecados* parecia-me uma tarefa mais simples pelo fato de não entrar em apologéticas da moral moderna e clássica; no entanto, a questão se torna sempre mais complexa à medida que vamos agregando valores hermenêuticos.

As linhas mestras do nosso trabalho estão fundamentadas na Bíblia e em suas relações com as culturas antigas, propondo, de vez em quando, algumas pinceladas hermenêuticas sobre os temas. Tentamos caminhar à luz da sociologia, da política e da espiritualidade bíblica por parecerem muito verídicas e próximas da realidade humana de todos os tempos e lugares, mesmo em suas diversas configurações. A Bíblia, em suas duas etapas de formação – Antigo e Novo Testamento –, traduz uma coletânea inesgotável de ensinamentos e de orientações que representam o resultado de muitos séculos de reflexão, debates, experiências e vivências, que acompanharam as culturas antigas independentemente de suas

religiões e cultos e se aplicam com muita pertinência ao homem moderno.

Deus primeiro criou o ser humano e depois lhe deu os limites: as duas árvores, a árvore da vida (a Lei) e a árvore do conhecimento do bem e do mal (o outro), e todas as outras coisas dependiam de sua inteligência, liberdade, criatividade e responsabilidade (cf. Gn 2,7-9).[1] Nessa concepção, procuramos evidenciar as diferentes formas de pecado que não estão atreladas às religiões, ainda que sempre haja uma aproximação e diferenciação dentro de cada religião, mas o pecado está na forma de agir, e sempre que há uma ferida ou um sinal de sofrimento, o pecado está ali, mesmo que a pessoa justifique por meios jurídicos e legais a sua retidão forense. Por exemplo: o salário-mínimo no Brasil é o pagamento de todos os pobres empregados, e mesmo a aposentadoria dos pobres, no seu nível mais baixo, se chama *mínimo*, o que é juridicamente legal, mas imoral e pecaminoso, porque não é *mínimo*, *mas insuficiente*. O salário-mínimo é insuficiente, pois, com essa quantia, nenhum trabalhador consegue crescer na vida, sustentar sua família e dar condições dignas de educação, moradia e lazer a seus filhos.

Os pecados não são todos iguais e podem assumir configurações evolutivas. Nesse aspecto, procuramos caracterizar os tipos de pecados principais e, dentre eles, o pecado original, o pecado originante e os pecados capitais.

Um dos aspectos mais preocupantes no estudo e tratado dos pecados é desfazer a falsa escusa de que, para muitos, o pecado não existe. Eles não pecam porque não têm religião: *Pecado é coisa de católico e quem não é*

---

[1] Cf. MAZZAROLO, I. *Gênesis 1-11: E assim tudo começou...*, p. 104-112.

católico não peca. Mesmo muitas pessoas religiosas negam o pecado. Não vamos falar de ateus, pois muitos ateus são pessoas éticas. O detalhe dos pecados é complexo e não se aplica só a pessoas religiosas, mas a todas as pessoas interligadas e conectadas numa rede neural cósmica. As atitudes de um criminoso no Oriente podem ser estímulo para outro no Ocidente. Um galho doente numa árvore, um membro doente num corpo provocam tensão em todo o ser, e assim um pecador provoca desestabilidade e tensão em toda a rede social, familiar e política. Um ditador ou corrupto como líder de uma nação causa estragos e sofrimentos em todo o povo.

Não raro, pessoas ligadas a sociedades secretas, grupos e organizações não declaradas participam de eventos religiosos, fazem ofertas generosas aos olhos de todo o povo, têm ações filantrópicas e se passam por amigos íntimos dos líderes de templos, impondo uma imagem de pessoas íntegras e profundamente corretas. Essa hipocrisia já era percebida e denunciada no Templo de Jerusalém pelos profetas antigos, mas de modo clássico na parábola da oferta da viúva (cf. Mc 12,41-44; Lc 21,1-4). Esse tipo de pecado já era condenado pelo profeta Isaías (cf. Is 1,10-17; Jr 6,19-21) no século VIII a.C., e por outros posteriores. Muitos pecadores acreditam que, sendo amigos dos líderes das hierarquias religiosas, estão a salvo dos seus pecados, mas ninguém condenou tanto isso quanto os profetas e Jesus (cf. Is 5,8-23; Hab 2,6-20; Mt 23,13-32).

Por que existem sociedades secretas? O que elas não querem mostrar? Ninguém tem prazer em ver o seu fracasso exposto, seu ponto frágil conhecido e uma deficiência publicada na imprensa. Assim, as organizações secretas não permitem que suas maquinações macabras de nível nacional ou internacional sejam conhecidas. Essa

é a razão fundamental das sociedades secretas. O Evangelho de João aborda a questão de forma contundente:

> [19]Este é o julgamento – a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque as suas obras eram más, [20]pois quem faz o mal odeia a luz e não vem para a luz, a fim de que suas obras não sejam reveladas como culpáveis (Jo 3,19-20).

O que procuramos trabalhar e nos esforçamos para tal, ao longo do livro, é evidenciar que o pecado não é uma questão teológica, porque é a partir desse conceito que os maus prosperam e riem dos justos, como se queixava o profeta Jeremias a Deus e perguntava: "Por que o caminho dos maus prospera? Por que os apóstatas estão em paz?" (Jr 12,1). E os maus e apóstatas, não raro, são amigos dos chefes das religiões. Eles pagam os dízimos, fazem sacrifícios, fazem ofertas muito significativas para os centros religiosos e querem ser chamados de benfeitores (cf. Lc 22,25).

A condenação de Jesus aos escribas e fariseus não era por causa dos seus sacrifícios e pureza nos atos de culto, mas por causa da falsidade entre o ato de culto e a corrupção fora deste. A hipocrisia é fazer um ato rigorosa e escrupulosamente perfeito, e, depois, fazer o contrário. Os fariseus eram excessivamente rigorosos no aspecto religioso, mas hipócritas e falsos no mundo dos negócios.

Assim, hoje, muitos corruptos não recebem dinheiro sujo, mas lavado e purificado com depósitos em bancos no exterior, por isso existem os "paraísos fiscais". Do mesmo modo que os fariseus condenavam os publicanos (cobradores de impostos, "fiscais da receita federal") por serem impuros em virtude de estarem em contato constante com o povo nas bancas de cobrança de taxas, mas depois recebiam o dinheirinho "limpo" na conta deles,

acontece hoje com quem não se envolve com marginais, traficantes, corruptores de empresas e bancos e, depois, recebe o dinheiro "lavadinho e purificado" em mochilas, em malotes ou em contas em bancos no exterior, sem serem contabilizados no Imposto de Renda. Esses são os pecadores perfeitos!

O nosso trabalho procura ser uma contribuição para nova consciência ética do mal, do pecado e do sofrimento humano provocado, construído, planejado de modo sádico e pérfido para além das religiões. A desculpa de que pecado é questão de religião é a forma mais diabólica de agir sentindo-se inocentado e matando a consciência natural do mal. Platão já afirmava que todo o ser humano tem consciência do certo e do errado, do bem e do mal. Uma forma de saber e perceber o mal ou o bem é a consciência natural, aquela voz do interior que avisa e alerta sobre as consequências das possíveis atitudes boas ou ruins. A outra é a consciência revelada, que vem por intermédio da tradição, dos textos religiosos e do aperfeiçoamento da fé. Ninguém pode dizer que não sabe. Quem peca não tem desculpa! Ou pela consciência natural ou pela lei revelada, os que pecam sabem e conhecem o erro e são responsáveis pelas suas atitudes. O apóstolo Paulo fala que, depois da lei revelada e da lei comum, quem peca não tem desculpa (cf. Rm 10,14-21). Os judeus conheciam a lei de Moisés, os romanos conheciam o direito romano, e os pagãos conheciam a lei natural (ainda que influenciados pelos mitos), mas ninguém podia eximir-se das próprias responsabilidades. Onde existe uma dor, lá está o chifre de Satanás. Quem vive como parasita exige o sacrifício do outro para sobreviver. Assim, todos os pecadores são sanguessugas e iníquos. Quem ostenta poder já não se conforma com os padrões convencionais, precisa ter outras formas, grifes e trajes irreverentes para dizer quem é.

A tentação não exclui ninguém, não faz exceções, não privilegia ricos ou pobres, grandes ou pequenos, homens ou mulheres. A tentação é uma provocação para quem está em liberdade e exercício pleno de suas faculdades mentais. Portanto, o pecado está na ordem da liberdade e da responsabilidade. Não há como escapulir das consequências de cada ato, palavra ou gesto. Todos serão julgados pelas suas obras, e não pelas suas crenças, convicções, suposições ou ritos. Não é em vão que o profeta Jeremias, sete séculos antes de Cristo, denunciava: "A caneta do escriba é mentirosa" (Jr 8,8). E assim a história troca os seus protagonistas, mas não afasta os seus pecados.